

## Do distante educar: impressões sobre o quadro atual e o sonhado para a Educação a Distância na UFPE

Profa. Dra. Inara Ribeiro Gomes<sup>1</sup> (UFPE)  
Prof. Dr. Ricardo Postal<sup>2</sup> (UFPE)

**Resumo:**

Este ensaio discorre sobre a experiência vivida no ensino e gestão de um curso de graduação a distância, que tem nos colocado frente a alguns impasses recorrentes e nos provocado a pensar em perspectivas e proposições referentes às nossas práticas enquanto professores-pesquisadores-gerenciadores. Trata da relação entre o modelo pretendido para a educação a distância e as estruturas universitárias atuais com as quais tal modelo deve negociar sua existência.

**Palavras-chave:** educação a distância, gestão educacional, prática docente

**Résumé:**

Cet essai traite de l'expérience dans l'enseignement et la gestion d'un cours de premier cycle à distance, qui est placé en face de certaines impasses récurrentes et provoqué de penser à des perspectives et des propositions relatives à nos pratiques d'enseignants, les gestionnaires et les chercheurs. Ils'agit de la relation entre le modèle souhaité pour l'enseignement à distance et les structures universitaires actuelles d'un tel modèle avec lequel il faut négocier leur existence.

**Mots-clés:** éducation à distance, gestion de l'éducation, les pratiques pédagogiques

Neste ensaio, baseamo-nos em nossa atuação no Curso de Letras a Distância da UFPE, tanto como docentes quanto como gestores, para ensaiar um esboço do estado da arte da educação a distância, limitado ao âmbito de nossa experiência, além de, com isso, refletir sobre alguns impasses e nos indagar sobre novos caminhos.

A implantação de cursos de graduação na modalidade a distância, por ser recente, ainda

reveste-se de um caráter experimental e desafia a estrutura convencional das universidades públicas, demandando reconfigurações pedagógicas, acadêmicas e administrativas.

Pode-se dizer que hoje ainda existe um descompasso entre a realidade apresentada das estruturas das IPES e os conceitos em construção da educação a distância necessários para a realização ideal de uma educação mediada pela tecnologia.

O paradigma de organização e de gestão da educação presencial é a espinha dorsal da mentalidade sobre educação superior em voga. Porém, com o crescente avanço e abrangência da educação a distância, existe uma necessidade de se repensar esse paradigma, propondo uma nova cultura educacional mais afeita às peculiaridades da população estudantil atingida pelas novas modalidades de ensino, bem como das ferramentas e modos de ensinagem que as novas tecnologias da informação proporcionam.

A gestão de um curso de graduação a distância implica a articulação de instâncias variadas, quais sejam: uma coordenação de educação a distância (executora das políticas públicas voltadas para essa modalidade de educação, provendo os cursos dos recursos financeiros, didáticos, materiais e tecnológicos); os polos de apoio presencial (representantes locais nas comunidades e provedores de espaço físico e estrutura material, bem como de orientação pedagógica direta aos alunos); um quadro de tutores a distância (elementos de mediação entre os alunos, conteúdos e professores-pesquisadores); um corpo de professores pesquisadores (responsáveis pela elaboração de materiais didáticos e orientadores das atividades pedagógicas) – articulação essa tanto dessas instâncias entre si mesmas, quanto com os diversos setores da universidade em que o curso está inserido.

Tal conjunto de relações entre esses novos atores, cenários e meios não se encontra absorvido pela rigidez organizacional da gestão universitária voltada ao ensino tradicional, a qual acaba gerando entraves para a fluidez desejada para os cursos ministrados a distância.

A mobilidade ofertada pela educação a distância não é compreendida por sistemas de gestão presencial cristalizados, os quais não conseguem lidar com mudanças de ideias de temporalidade, sequencialidade, formas de vinculação docente, modulação curricular, segmentação do campus universitário em polos de apoio presencial, etc.

Considera-se que é necessário um período de adaptação para que uma nova configuração de ensino e de sua respectiva gestão, com suas singularidades e demandas específicas, seja absorvida integralmente pelo complexo institucional de uma universidade, porém também se considera a premência do encontro de soluções e aperfeiçoamentos para o efetivo funcionamento dos cursos gerados neste processo. Deste modo, as novas propostas pedagógicas impulsionam a necessidade de inovação da própria universidade, alimentando nas suas adaptações

e reconfigurações organizacionais, o advento de estratégias que permitam adequações de novas realidades educacionais.

A criação efetiva de um curso de graduação a distância depende da clareza de concepções sobre tal modalidade por parte de todos os envolvidos, de modo que os conceitos sobre seu funcionamento estejam presentes em todos os aspectos, seja na elaboração dos materiais didáticos (impressos, hipertextuais ou áudio-visuais), nas metodologias de ensino, nas peculiaridades interativas inerentes ao ambiente virtual de aprendizagem ou no domínio técnico das ferramentas telemáticas.

Sintonizar essa concepção sobre a educação a distância entre todos os profissionais envolvidos, passa, em primeiro lugar, pela figura do professor. É ele quem propõe os conteúdos, através da elaboração de textos pensados para compor um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e, por isso, dotados de especificidades linguísticas, formais e conceituais, inerentes ao suporte midiático e ao modo de comunicação a que se destinam. Tais textos, portanto, diferem da linearidade de outros gêneros aos quais os professores estão habituados em suas práticas presenciais. Para que essa transformação de fato ocorra, a produção deve decorrer de um trabalho verdadeiramente interdisciplinar e integrado entre o professor, a coordenação pedagógica e os profissionais técnicos, tais como *webdesigners*, diagramadores, animadores. Essa prática garantiria, desde a sua origem, a interatividade entre os materiais, a interface do ambiente e os alunos, premissa básica da modalidade de ensino em questão.

A rigor, os profissionais envolvidos, segundo Pereira, assim se configuram:

- o conteudista: é um especialista no domínio do conhecimento a ser trabalhado. [...];
- o designer instrucional: é, geralmente, um educador, com experiência em Tecnologia Educacional. Sua função orienta o desenvolvimento e/ou customização do sistema a ser utilizado e a produção de matérias para os cursos. Este profissional efetiva a associação entre o enfoque pedagógico, o conteúdo didático e o ambiente de aprendizagem. [...]
- assessores linguísticos: [...] que revisa[m] os textos sob o aspecto ortográfico e sintático;
- o designer gráfico: é ele quem desenvolve a identidade visual do sistema digital e impresso; [...]
- o programador: é quem desenvolve e customiza o AVA, criando sistemas personalizados de acordo com as orientações de cunho pedagógico e de *design* de interface. [...]
- o *web* roteirista: [...] busca articular e valorizar o conteúdo usando linguagens e formatos variados, tais como hipertexto, mixagem e multimídia;
- o *web* designer: é quem cria e implementa a parte gráfica do conteúdo pedagógico levando em consideração o roteiro elaborado pelo *web* roteirista e as potencialidades da *web* para o desenvolvimento de conteúdos interativos e hipermediáticos;
- o ilustrador/videoasta/animador: é o ilustrador quem pesquisa, produz e trabalha imagens, desenhos e infográficos para materiais didáticos impressos e

digitais, o videoasta e o animador trabalham as imagens em movimento juntamente com outros recursos, por exemplo, áudio. (PEREIRA *et al*, 2010. p. 16)

Note-se que é fundamental uma perfeita orquestração das atividades de produção do ambiente virtual e dos materiais didáticos, desde o seu planejamento até sua operacionalização, com um viés conceitual bem determinado, para que a programação visual e multimidiática possa propiciar, em todo seu potencial, a interatividade desejada.

Providos de uma sala virtual bem elaborada, em que os materiais sejam claros, bem diagramados, dialógicos, e que estejam em harmonia no conjunto dos conteúdos do curso (identificáveis por certos padrões de fontes, cores, espaçamentos, ícones utilizados), os estudantes tornam-se mais estimulados a aderir ao curso por um sentimento de integração que os leva naturalmente a uma interação mais significativa.

Outra peça importante para a efetiva integração de um projeto de educação a distância é a figura do tutor a distância, o qual tem como responsabilidades fazer a mediação entre o conteúdo e o aluno e na comunicação dos alunos entre si, consolidar a cooperação grupal e garantir a multidirecionalidade da aprendizagem, evitando o modelo vertical em que o tutor e professor somente ensinam e os alunos passivamente aprendem.

Para tanto, o tutor deve pensar sua prática de animador-moderador dos fóruns de interação a partir das seguintes ações:

Introduzir o tema de debate, relacionando com as leituras ou outros materiais do curso [...].

Incentivar [...] os alunos a ampliar e desenvolver seus próprios argumentos e os de seus companheiros.

Fornecer informação [...] sobre estudos, recursos ou fatos que ajudem a desenvolver os temas de discussão, complementando os materiais já disponíveis. Integrar e conduzir as intervenções, sintetizando, reconstruindo e desenvolvendo os temas que vão surgindo e relacionando-os com a literatura e o tema.

Globalizar as aprendizagens [...] para facilitar aos alunos uma estruturação mais complexa e não demasiado compartimentada do conhecimento que se vai criando. [...]

Resumir, à maneira de conclusão, as contribuições ao debate, enfatizando as ideias-chave, antes de passar a outro tema.

Ajudar aos alunos em suas habilidades de comunicação, mostrando-lhes, individualmente, seus possíveis progressos para aprimorar o entendimento com o grupo. (ALVARIÑO, 2006. p. 175)

Evidencia-se que esse trabalho deve ser integrado com o do professor-pesquisador na origem do AVA, tendo o tutor que estar no domínio completo dos conteúdos e formas com que os mesmos serão apresentados e conduzidos.

Parte-se, então, da escolha de um modelo de atuação de tutores que se bifurca em duas possibilidades: na primeira, temos um tutor generalista, que está ciente de todo o curso, circula por todos os componentes curriculares daquele período e pode articular alunos de vários polos diferentes; na segunda opção, o tutor se responsabiliza pelo atendimento de um tema de sua especialidade, relacionado a seus estudos acadêmicos e atuando num componente específico.

A vantagem do primeiro modelo é que o tutor atende a um reduzido número de alunos, acompanhando, de forma integral e personalizada, o seu desempenho nos vários componentes curriculares. Nesse caso, para compensar a falta de aprofundamento nos conteúdos, decorrência natural desse modelo generalista, uma intervenção permanente do professor se faz necessária.

No segundo modelo, temos assegurada a participação interessada do tutor por temas que lhe são familiares e nos quais ele é especialista, podendo, dentro de suas práticas, articular seus estudos teóricos com o cotidiano de aprendizagens compartilhadas. Por isso, somente esse segundo modelo garante uma aproximação do perfil descrito por Vilariño, que parte de uma especialidade do tutor para que o mesmo vá ampliando seus conhecimentos no contato com alunos, outros tutores e professores-pesquisadores. Por ser um especialista, o tutor tem competência e desenvoltura para realizar com mais propriedade a integração e síntese dos conhecimentos e sua inserção numa cadeia maior de relações.

Diferentemente do tutor a distância, o tutor presencial não é um especialista na área de conhecimento do curso, mas deve ter uma formação na área de educação, o que implica competências pedagógicas, além das tecnológicas necessárias para o adequado suporte aos alunos. Vivenciando a realidade local do aluno, o tutor presencial possui a percepção das dificuldades e potencialidades envolvidas no processo de aprendizagem, tanto sanando a eventual “timidez” tecnológica quanto propiciando um vínculo comunicativo e uma relação acadêmica entre esse aluno e as diversas instâncias da instituição de ensino.

Observador e participe das atividades nos ambientes virtuais de aprendizagem, o tutor presencial, por sua proximidade física com o aluno, é um fator importante de estímulo e manutenção de interesse pelo curso, compensando a distância espacial em relação ao campus, e reforçando a relevância do polo de apoio presencial como provedor local de suporte material, tecnológico e pedagógico.

Ele só pode agir dessa maneira se o polo de apoio presencial for realmente um espaço apropriado pedagogicamente, e dentro do quadro atual, acima de tudo, tecnologicamente, para o adequado atendimento. Isso devido ao fato de que muitos alunos, especialmente em zonas rurais no interior do estado, não possuem meios tecnológicos suficientes para o acompanhamento de um curso a distância, se revelando então o polo como sua base essencial para todas as atividades

pedagógicas. Sem acesso a um campus físico e sem acesso a computadores ou conexões de internet, tal aluno só é alcançável via implementação de polos de apoio, que nesse caso são polos “basilares” para a educação a distância. Num futuro ideal, pensando numa realidade em que todas as pessoas estejam conectadas, a relevância do polo se tornaria mais voltada ao aspecto acadêmico-administrativo e à disponibilização de um acervo bibliográfico, além de ser local de aulas presenciais e encontro entre os alunos.

Seria preciso, assim, ter polos de apoio presencial com bibliotecas equipadas, com um número de computadores adequado à demanda de alunos, bem como com requisitos técnicos seguros e constantes (conexões de internet com bandas apropriadas), o que permitiria um ambiente atraente, confortável e um ponto de referência onde o estudante pudesse trazer suas necessidades e tê-las atendidas pelos tutores presenciais, em colaboração com os colegas que ali estivessem também para estudar e se comunicar com os professores, tutores e colegas mais distantes. A não satisfação dessas condições provoca um desapego dos alunos em relação ao polo, e uma frustração, unida a uma sensação de abandono e isolamento, em que a distância se torna um “estar longínquo” ao invés de “estar conectado”.

Atualmente os alunos participam de encontros quinzenais nos polos com o objetivo de assistirem a um conjunto de *web* conferências, recurso este que permite a interação síncrona com o professor, que neste momento se encontra virtualmente presente em todos os polos. Para o integral sucesso de tais eventos, a manutenção das condições técnicas de transmissão de alta qualidade, tanto nos polos quanto na universidade, é essencial e demanda o apoio dos responsáveis do campo das tecnologias da informação, bem como um aparato informático devidamente instalado, testado e operado. Quando existem quebras e fissuras na organização técnica das *web* conferências, professores e alunos saem da experiência frustrados e tendendo a desacreditar na educação a distância, pensando que essa presença mediada pelo computador nem de longe substitui a presença física, o contato direto e a interação face a face.

Combater as eventuais descrenças depende então de uma universidade plenamente dotada dos recursos técnicos e humanos para a sustentação de redes informáticas e comunicacionais de maneira competente e integrada ao projeto dos cursos propostos. De nada servem supercomputadores e fibras óticas sem pessoas empenhadas na construção e manutenção de condições uso e acesso, quando essas tecnologias estão voltadas para o ensino.

Portanto, a universidade deve estar dotada de aparatos, mas mais que isso, de pessoal unido integralmente ao projeto, participantes de uma equipe multidisciplinar tomada de interesse pela transformação e constante pesquisa no âmbito da educação a distância.

Na outra ponta, os polos devem estar dotados dos equipamentos necessários operando

em perfeito estado, o que depende de manutenção constante, que nem sempre é realizada pelas prefeituras municipais responsáveis pelo funcionamento do polo. Também devem possuir espaços organizados e salas de aula adequada para os encontros presenciais com os professores, que são recomendados pela Universidade Aberta do Brasil, mas que nem sempre ocorrem com a frequência desejada devido a questões orçamentárias, logísticas e administrativas.

Os alunos convergem aos polos, além do mais, para a realização das avaliações de final de período, todas presenciais, de acordo com a legislação vigente. Para a execução de tais provas, se faz necessária a organização logística de deslocamento de tutores e professores que nesse momento, sempre complexo do avaliar e ser avaliado, têm mais essa oportunidade de contato próximo com os alunos, criando em torno do polo uma sensação de ancoramento frente à suas navegações diárias no ciberespaço. Lidar com esse sentimento de eventual aportar passa por orientar de maneira segura tais navegações, mostrando que ao invés de serem todos navegantes solitários, e por vezes à deriva, estão todos ligados pelas mesmas rotas, mapas e portos.

Tal orientação segura se fundamenta na clareza da condução dos AVAs, em que os papéis do professor-pesquisador e do tutor a distância devem estar orquestrados num processo constante de diálogo e avaliação permanente dos procedimentos didáticos. O monitoramento da atuação dos alunos deve ser recorrente para se ter um diagnóstico da interação, o qual forneça subsídios para a proposição de tópicos, conversas e tarefas, e tal atuação tem que ser seguidamente incentivada.

Criar uma nova cultura da educação a distância dentro da universidade não é suficiente, uma vez que é preciso transformar as ideias sobre aprendizagem que os próprios alunos que participam dessa modalidade de educação têm sobre suas práticas de leitura, envolvimento, escrita e interação.

A recepção passiva de conteúdos não é mais possível e o desejável é que a construção da relação de sala de aula entre o coletivo dos alunos e tutores/professores seja constantemente um estímulo de auto-formação, em que a busca por entendimentos e respostas seja sempre balizado por questionamentos provindos de leituras atentas dos materiais, bem como do diálogo com os comentários dos outros partícipes do AVA.

Considerar-se parte de um ambiente colaborativo é um passo importante para os alunos, que ainda encontram muita dificuldade devido às experiências presenciais em que nem sempre são chamados a criar e auxiliar os colegas em suas atividades de aprendizagem.

Uma das finalidades do projeto da Universidade Aberta do Brasil é a de fomentar a formação inicial e continuada dos professores já atuantes nas redes de ensino fundamental e médio, propiciando atualização pedagógica. Embora esse não seja o público exclusivo, pois a

UAB também pretende atender à demanda social, eles são o público-alvo preferencial. Trata-se de uma população que teve o acesso ao ensino superior presencial dificultado por impedimentos de ordem econômica, temporal ou espacial, o que a levou a uma interrupção de sua trajetória de estudantes, acentuando deficiências porventura existentes na sua formação escolar.

O vazio causado por tal afastamento, em que esses indivíduos não se viram mais como aprendentes capazes de novas descobertas, talvez traga como consequência uma dificuldade em assumir uma posição autônoma frente à construção de conhecimentos.

Trazer esses professores de volta ao espaço escolar é também lidar com suas concepções de ensino-aprendizagem, que devem ser estendidas para a modalidade de ensino da qual decidiram participar, aquela a distância. Estando eles mergulhados na prática presencial, na qual impera uma cultura de transmissão e recepção passiva, é difícil fazê-los se mobilizarem autonomamente para a construção coletiva e participante de saberes.

A resistência se manifesta através da busca de respostas imediatas, fáceis e prontas, pela pouca vontade de leitura e de escrita, quando não pelo simples abandono do curso, o que é mais frequente do que seria desejado.

A possibilidade de respostas imediatas aos comentários e dúvidas também gera uma certa angústia e necessidade de pronta atenção por parte dos alunos, que se não compreendem o funcionamento de seu curso, tendem a pensar que estão sendo relegados, que não estão recebendo a devida atenção, pensando que no ensino presencial isso não ocorreria, o que configura uma certa mistificação da “presença”. Esse paralelo não é verdadeiro, uma vez que no ensino tradicional o contato entre professor e aluno não é permanente, mas sim intervalado.

O ideal é gerar nos alunos a noção constante de participação deles próprios com seus ensaios de respostas às dúvidas dos colegas, para que sob a supervisão e coordenação do tutor a ensinagem se produza coletivamente. O diálogo, a discussão, a recorrência aos tópicos já presentes no fórum faz com que o AVA se torne um caderno de anotações do grupo em que o conhecimento não fique esquematizado, mas se remodele e propague a partir de múltiplas perspectivas.

Tais ações tendem a levar o aluno a uma atitude metacognitiva, a partir da qual ele se torna senhor da resolução de seus dilemas de aprendizado, percebendo na prática que o conhecimento não é transmitido verticalmente, mas sim construído de maneira horizontal e colaborativa. Desse modo, ao sentir-se figura central de seus próprios aprendizados, o aluno propõe-se cada vez mais a contribuir ativamente para a educação dos seus colegas e a compartilhar experiências, descobertas ou saberes já constituídos.

Essa independência do sujeito quanto a seu aprender, embora não se manifeste

prontamente, uma vez que ainda nota-se uma tendência a considerar como essencial a figura de um professor enquanto autoridade absoluta do processo pedagógico, pode ser incentivada e desenvolvida em indivíduos adultos, mais pré-dispostos a assumir esse protagonismo:

O adulto é uma pessoa que tem motivações próprias em relação à aprendizagem, alcançou um grau importante de autonomia e é capaz – em função dela – de se responsabilizar por variados aspectos da aprendizagem. Conta, além disso, com uma base de conhecimentos experienciais com os quais confronta constantemente suas aquisições. Tem necessidades próprias, que o levam a buscar a utilidade concreta e imediata daquilo que aprende. (ALVARIÑO, 2006. p. 169-170)

Lidar com as complexas especificidades desse alunado significa trazer à luz a bagagem de experiências e leituras que ele possui, e fazê-lo dialogar constantemente com ela, acrescentando elementos novos. Também implica fazê-lo sair da órbita do mundo prático e imediato, instigando o pensamento teórico e a consciência do pensar sobre suas práticas e aprendizagens.

Esse é um movimento delicado, pois toca na questão da imagem que os alunos têm sobre seus conhecimentos prévios, muitos considerando tais saberes insuficientes, precários ou até mesmo inválidos. A demonstração desses conhecimentos, que eles de antemão já desqualificam, é dificultada pelo registro permanente no AVA, inscrição que expõe as eventuais fragilidades linguísticas e conceituais diante de todos os participantes do ambiente.

Cabe ao tutor e ao professor demonstrarem a validade das diversas contribuições e gerarem um sentimento de confiança, retomando, sintetizando e recontextualizando os comentários, que, mesmo quando tangenciais ao tópico, contendo deslizos linguísticos ou equívocos conceituais, podem ser utilizados como fomentadores de novos aprendizados dentro do grupo.

Pensando no quadro das dificuldades apresentadas, nota-se que a implantação e manutenção de um curso a distância ainda precisa de uma ampla e profunda transformação nas mentalidades de todos os atores envolvidos, sejam estes responsáveis pela formação das políticas para a área, gestores universitários ou alunos.

Tal empreendimento vem sendo desenvolvido aos poucos, e ainda há muito a aperfeiçoar, mas dada a rápida expansão da EAD no país, devem-se buscar soluções viáveis a serem implantadas em curto prazo, para que não se desvirtualize a concepção de um projeto positivo e alinhado com o desenvolvimento dos ideais pedagógicos, tecnológicos e democráticos da educação no Brasil.

No estágio atual vemos um conjunto grande de esforços e recursos aplicados ao

desenvolvimetro da educação a distância, sem que a mesma ainda tenha atingido seu potencial de alcance e de efetivo sucesso para o qual foi sonhada.

## Referências Bibliográficas

ALVARIÑO, Celia. A formação de professores a distância via internet. In: TEDESCO, Juan Carlos (org.). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, Alice Theresinha Cybis *et al.* Ambientes virtuais de aprendizagem. Disponível em: [http://fe-uab.unb.br/file.php/19/material\\_didatico/Ambientes\\_virtuais\\_de\\_aprendizagem.pdf](http://fe-uab.unb.br/file.php/19/material_didatico/Ambientes_virtuais_de_aprendizagem.pdf) . Acesso em 15/06/2011.

- 
- 1 **Inara RIBEIRO GOMES, Profa. Dra.**  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Departamento de Letras  
inaragomes@ig.com.br
  - 2 **Ricardo POSTAL, Prof. Dr.**  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Departamento de Letras  
ricapostal@gmail.com